

## **Gênero e Educação: o uso das visualidades como propostas de intervenção no espaço escolar.**

Amanda Freire Tenório Cândido (1); Lydiane Batista de Vasconcelos (1); Kelly Cintra Dantas (2); Robson Arruda de Araújo (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – Campus Floresta  
*amanda.tenorio@outlook.com*

*lydianebatista@yahoo.com.br*

*kelly.cintra@ifsertao-pe.edu.br*

*robson.araujo@ifsertao-pe.edu.br*

**Resumo:** Este projeto de extensão buscou investigar possibilidades metodológicas através de oficinas interventivas para a aplicação na prática dos Pcn's Orientação Sexual, dando ênfase a questão de Gênero na escola pública. O projeto tinha por objetivo promover debates e discursões sobre gênero e sexualidade na escola através de produções visuais, perceber os conceitos e pré-conceitos presentes entre os alunos, realizar oficinas temáticas em visualidades e gênero. No que diz respeito ao público da pesquisa a metodologia de uso de oficinas foi escolhida como eixo metodológico por permitir aos alunos, assim como afirma Vera Maria Candau um espaço de vivência, reflexão e conceitualização sobre a temática (CANDAU, 1995). Mesmo com a dificuldade financeira para atender as necessidades de elaboração das práticas, o projeto atendeu cerca de 20 pessoas, entre professores e alunos, e os resultados que parecem ter se iniciado com o desenvolvimento do projeto, é que boa parte das crianças relataram casos de machismo e sexismo vivenciados por membros da família e comunidade, partimos desses relatos para escolher os artistas e o tema das atividades práticas. Houve uma diminuição considerável por parte dos alunos de frases e palavras relacionadas ao machismo, o encorajamento e uma multiplicação no que se refere ao enfrentamento de práticas machistas em outros espaços. Os alunos já conhecem as regras básicas para a elaboração de uma imagem fotográfica (fotografia autoral). O resultado mais objetivo que podemos enumerar é justamente aquele que diz respeito a inclusão de debates e de como os alunos transformaram conceitos tão complexos (como o de feminismo, machismo, homofobia, sexismo) em obras de arte.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Gênero e Tabus.

### **Introdução**

Durante a década de 1990, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais, com orientações de temáticas a serem tratadas por cada disciplina durante o ano letivo. Paralelamente às recomendações presentes nos cadernos de orientação disciplinar foram gestados os Parâmetros Curriculares Transversais, com questões que não se fazem presentes como temáticas específicas das disciplinas, mas devido ao caráter de urgências das mesmas devem “atravessar” o currículo de forma interdisciplinar. Dentre as temáticas a que causa uma maior inquietação é a que foi intitulada como: Orientação Sexual. De acordo com o texto dos Pcn's, o tema foi criado a partir do aumento de casos de gravidez indesejada entre jovens em

idade escolar, bem como o risco de contaminação das mesmas e dos seus parceiros por doenças sexualmente transmissíveis.

O caderno Orientação Sexual se apresenta dentro do volume que discute a Pluralidade Cultural, sendo portanto um sub tema a ser discutido dentro dessa temática transversal.

Mesmo considerando a validade da constituição de um documento que adentra enquanto currículo nas escolas brasileiras e serve como mediador a um debate considerado um “tabu” no espaço escolar, alguns pesquisadores tecem uma série de críticas sobre como a sexualidade é descrita no Pcms Orientação Sexual.

Helena Altmann ao analisar o texto percebe que este trata a orientação sexual como uma questão informativa, segundo a autora:

(...) sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”, sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados (ALTMANN, 2001, p.9).

Boa parte do documento constrói a sexualidade partindo de uma narrativa biológica e ligada a funções hormonais, buscando uma naturalização dos papéis de gênero. Altmann coloca ainda que em trechos do documento há menções a história da sexualidade, no entanto, mesmo admitindo diversas manifestações da sexualidade ao longo da história, ele acaba por não contextualizar o próprio conceito de sexualidade enquanto uma categoria histórica.

No documento Orientação Sexual as temáticas estão divididas da seguinte forma: 1) Corpo: matriz da sexualidade; 2) Relações de gênero e 3) Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Dentro das três temáticas elencadas pelo caderno nos interessou pesquisar as relações de gênero. Nosso interesse foi motivado por entendermos a necessidade de enfrentamento desta questão dentro do espaço escolar brasileiro a fim de alargar o conceito de gênero para além das questões biológicas, compreendendo este como uma categoria social e construída historicamente.

Além de se tratar de um texto curto que não abarca a complexidade do tema, no documento Orientação Sexual há uma indicação de que o conceito de Gênero seja trabalhado dentro das disciplinas de Educação Física e História.

Vicente Augusto Figueiredo, em seu estudo sobre o documento, coloca que este desconsidera as questões de gênero em detrimento a naturalização do corpo. Para o autor:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCN), a definição de gênero nega a dualidade entre o masculino e o feminino. Porém, gênero é tratado de maneira lacunar: este conceito fica restrito e atrelado ao tema orientação sexual, não perpassa outras áreas do conhecimento, que não seja o da biologia; não contemplando seu caráter transversal. Apesar de negar o determinismo biológico, contido no conceito de gênero, privilegia os componentes biológicos da orientação sexual, tendo como principal preocupação a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a “gravidez indesejada de jovens” (FIGUEIREDO, 2009, p.12).

Luiz Paulo de Moita Lopes ao discutir a sexualidade na escola, coloca que mesmo sendo este um tema debatido fora da escola, tal questão ainda se constitui um tabu em sala de aula, sobretudo nos discursos dos professores que compreendem a temática partindo da individualidade do aluno, não levando em consideração as questões socioeconômicas e culturais inerentes a temática. O autor afirma:

Fomos educados a pensar sobre os alunos sem considerar sua reação, seu gênero e seu desejo: um ser descorporificado e, portanto, em abstração, que só existe na sala de aula, normalmente nos discursos nos quais a voz dos/as professores/as é central (LOPES, 2013,p.126).

Diante das questões expostas acima pelos autores, esse projeto de extensão objetiva, através de suportes visuais, problematizar a categoria gênero respeitando as suas construções sociais, subjetivas e históricas junto aos alunos do Sertão Pernambucano. Para a construção das categorias, partiremos das existentes na literatura disponível sobre a temática, a fim de repensar e reconstruirmos coletivamente as mesmas. Como contribuição conceitual e pedagógica, além dos trabalhos citados acima, utilizaremos as pesquisas realizadas pela arte-educadora Ana Mãe Barbosa sobre a proposta triangular na educação.

A proposta triangular proposta por Ana Mãe Barbosa, visa agregar várias questões ligadas ao ensino e aprendizagem sendo elas principalmente: leitura da imagem, análise da obra no seu tempo histórico e prática artística. A autora discorre ainda que na contemporaneidade se faz necessário refletir sobre as imagens a que somos bombardeados cotidianamente pela mídia. Segundo a autora: “Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como nosso resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p.17).

A proposta de Barbosa parte de uma triangulação que perpassa: o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização. Para a autora o aluno ao observar uma produção visual a partir da proposta triangular acaba por resgatar a fase da criação da obra contida no fazer e ler a obra de arte. Dessa forma partindo da proposta triangular de Barbosa esse projeto alia a tríade ensino, pesquisa e extensão, visto que os alunos participantes terão aulas sobre a temática de gênero, realização de pesquisas sobre as temáticas e a extensão se caracteriza pela formação nas narrativas visuais que visem o enfrentamento ao machismo. A participação dos estudantes no projeto permitirá aos mesmos um alargamento de compreensão sobre a temática de gênero, de como algumas práticas cotidianas de machismo e sexismo são frutos de produções visuais propostas pela mídia, a exemplo de propagandas de carros e cervejas onde a mulher é representada como sexualizada e objetificada para o consumo. Os estudantes ao participarem dos debates conceituais e práticas visuais serão levados a criticar os papéis de gênero e o machismo impostos pela sociedade e que por muitas vezes são reiterados no ambiente escolar. Buscamos que os alunos ao agenciarem os conceitos, possam utilizá-los na prática construindo assim uma escola mais democrática e equânime. Com o objetivo de promover debates sobre gênero e sexualidade na escola através de produções visuais, perceber quais os conceitos e pré-conceitos presentes nos alunos, realizar oficinas temáticas em visualidades e gênero, proporcionar espaços de divulgação das visualidades criadas pelos alunos foi o terreno fértil que fez nascer o projeto de extensão.

## Metodologia

No que diz respeito ao público-alvo dessa pesquisa a metodologia de uso de oficinas foi escolhida como eixo metodológico por permitir aos alunos, assim como afirma Vera Maria Candau, um espaço de vivência, reflexão e conceptualização sobre a temática (CANDAU, 1995). Considerando a complexidade e urgência do debate das questões de gênero na escola, acreditamos que a visualidade é uma forma de expressão possível para tratar sobre questões identitárias, que por terem sido silenciadas por décadas não encontram espaços de interlocução na escola. Dessa forma as oficinas a serem realizadas na Escola Municipal Prefeito Francisco Ferraz Novais permitirá aos alunos e aos monitores um espaço de construção coletiva do conhecimento a partir da vivência de situações concretas representadas em linguagens visuais.

A escolha das visualidades como possibilidade metodológica nas oficinas se deu a partir das ponderações práticas vivenciadas em outros contextos pela arte-educadora Ana Mãe Barbosa. Para a autora se faz necessário defender a cultura visual e a arte na escola, sobretudo, no que concerne a esse projeto de extensão, visto que consideramos a cultura visual como uma educação informal, onde boa parte dos alunos aprendem a discriminação ao feminino e a objetifica. Segundo Barbosa:

Sonegar Arte na escola é tão danoso quanto esquecer outras manifestações da Cultura Visual que exercem mais diretamente influência no comportamento social por visarem exatamente dominar comportamentos e desejos. A desconstrução crítica do poder interessa a arte e a Cultura Visual ( BARBOSA, 2010, p.21).

A autora acredita que a consciência histórica mediada pela Cultura Visual permite uma regeneração através da recriação das imagens. Nesse sentido seu método, partindo de uma série de visualidades produzidas sobre o gênero nos permitirá ressignificar a cultura visual e transformá-la numa arte emancipatória sobre o feminino/feminismo. Nesse sentido, tentamos promover uma metodologia dialógica, que possibilitasse aos sujeitos envolvidos um papel ativo no processo de produção nas artes visuais e tomada de consciência das questões relativas ao enfrentamento do machismo e do sexismo. Focamos nessa primeira etapa nos gêneros: fotografia e gravura, tivemos algumas dificuldades no que diz respeito a quantidade de aparelhos celulares disponíveis, bem como a ausência de conhecimento por parte de alguns alunos de aplicativos em aparelhos móveis.



## Resultados e Discussão

Conseguiu-se organizar o conteúdo básico sobre gênero em aulas expositivas e dialogadas; Divulgar o projeto através da oralidade, de redes sociais (Facebook); Debater assuntos voltados para a questão das relações de gênero e sexualidade ao término de cada oficina; Realização de uma oficina sobre: A química das emoções. Essa oficina não estava prevista no projeto inicial; Exposição de documentários e obras de artistas feministas; Ter um baixa quantidade de alunos faltosos (cerca de dois alunos por oficina); Colocar em prática os princípios da fotografia e da gravura em isopor; Criação de um banco de imagens produzidas pelos alunos;

1º) Oficina: “Identidade de gênero”.

2º) No mês de Agosto de 2016, ocorreram duas oficinas : “ Feminismo no Brasil” e “ Artistas feministas no Brasil“

3º) No mês de Agosto de 2016, ocorreram duas oficinas: 1)Apresentação do curta “ Vida Maria“ e debate sobre o papel da mulher no contexto local. 2) Oficina sobre a mulher negra e as artes visuais.

4º) No mês de Setembro de 2016, ocorreu a apresentação de dados sobre a violência contra a mulher no Brasil.

5º)No mês de Setembro de 2016, ocorreu a apresentação das imagens de Rosana Paulino, Luciana Urtiga, Conceição Milenna e outras artistas que trabalham com o corpo como instrumento de luta.

6º) No mês de outubro, ocorreram as oficinas sobre a “Química dos Afetos”.

7º) No mês de novembro, devido ao mês da consciência negra, os alunos assistiram a uma aula sobre artesanato indígena. Ainda em novembro demos inicio as oficinas com gravuras (utilizamos a técnica da isogravura-gravura em isopor).

8º) No mês de dezembro os alunos escolheram as fotos que foram produzidas durante o curso, para a montagem de uma exposição a ser realizada em março de 2017.

9º) No mês de fevereiro de 2017, os alunos iniciaram uma mosaico com desenhos de quatro fotografias para a montagem de um ensaio autoral sobre mulheres que eles consideram empoderadas.

10º) No mês de março de 2017, os alunos realizaram as primeiras experiências autorais na localidade onde residem.

O projeto atendeu até o momento a cerca de 20 pessoas , entre professores e alunos do IF Sertão PE-Campus Floresta. Três são os resultados que se iniciaram com o desenvolvimento do projeto: 1º) Boa parte das crianças relataram casos de machismo e sexismo vivenciados

por membros da família, partimos desses relatos para escolher as artistas e os temas das atividades práticas.<sup>2º</sup>) Houve uma diminuição considerável por parte dos alunos de frases e palavras relacionados ao machismo, e uma multiplicação do enfrentamento em outros espaços. <sup>3º</sup>) Os alunos já conhecem as regras básicas para a elaboração de uma imagem fotográfica (fotografia autoral). Um dado que impressionou e chamou bastante atenção é que foi mais fácil sensibilizar os meninos sobre o enfrentamento do machismo do que as meninas, esses dados foram percebidos tanto nas rodas de conversas como na produção visual. Por outro lado, percebemos nos debates e diálogos um interesse de todos na construção de imagens que tratem da igualdade de gênero e da importância da Lei Maria da Penha para as mulheres brasileiras. De todo modo, o resultado mais objetivo que podemos enumerar é justamente aquele que diz respeito a inclusão do debate e de como as alunas e os alunos transformaram conceitos tão complexos (como o de feminismo, machismo, homofobia, sexismo) em obras de arte.



Aula dialogada sobre as emoções.



Fotografia intitulada : “Violência contra a mulher”. Inspirada no trabalho de Anna O.



Artesanato indígena e produção feminina.





Fotografando mulheres negras e empoderando os Cachos



Misoginia e dupla jornada de trabalho feminina.

### **Conclusões**

Conclui-se que o desenvolvimento deste projeto a partir de ações interdisciplinares contribuiu de forma significativa para o fortalecimento da educação, uma construção de conhecimento coletiva a partir da vivência de situações concretas representadas em linguagens visuais e na formação de cidadãos conscientes. A partir do desenvolvimento deste trabalho, percebe-se que apesar da temática ser bem complexa para se trabalhar com os discentes, destaca-se a importância de levar essa discussão para a sala de aula.

### **Referências**

ALTMANN, Helena. *Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Revistas Estudos Feministas. 2001.

BARBOSA, Ana Mãe. *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CANDAU, Vera Maria et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. Brasília: MECSEF, 1998

FIGUEIREDO, Vicente Augusto Aquino de. *Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais*. Caderno Espaço Feminino, v. 21, n. 1, Jan./Jul. 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática*. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 2001.